

ISSN 0101 - 3338

# LETRAS DE HOJE

Nº 68

JUNHO DE 1987

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
Curso de Pós-Graduação em Linguística e Letras  
Centro de Estudos da Língua Portuguesa

**Letras de Hoje**  
**estudos e debates de**  
**assuntos de lingüística,**  
**literatura e língua**  
**portuguesa**

## EXPEDIENTE

### LETRAS DE HOJE

Fundada em 1967

Administração: Avenida Ipiranga, 6681

Caixa Postal 1429

90.000 Porto Alegre - RS - Brasil

Curso de Pós-Graduação em Lingüística e Letras/Centro de Estudos da Língua Portuguesa em convênio com o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico — CNPq.

Diretor: Prof. Ir. Elvo Clemente

Vice-Diretor: Prof. José Marcelino Poersch

#### Revisão e correspondência:

Prof. Maria Rita Motta Guedes Quintella

### Conselho Editorial

Para assuntos lingüísticos: Augustinus Staub, José Marcelino Poersch, Leonor Scliar Cabral, Feryal Yavsa e Mehmet Yavsa.

Para assuntos literários: Gilberto Mendonça Teles, Heda Maciel Caminha, José Edil de Lima Alves, Petrona Domínguez de Rodrigues Pasqués e Regina Zilberman.

Para assuntos interdisciplinares: Ignacio Antônio Neis e Urbano Zilles. A Revista aceita contribuições de sua especialidade.

Os originals enviados à Revista não serão devolvidos, mesmo que não sejam utilizados.

A Revista aceita trocas.

On demande l'échange.

We ask exchange.

Preço da assinatura

— 4 números anuais —

Brasil: Cr\$ 60,00

Exterior: US\$ 30

Número avulso: Cr\$ 25,00

Os pagamentos podem ser feitos por cheques bancários ou através de vale postal em favor da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

## APRESENTAÇÃO

LETRAS DE HOJE volta a falar de ensino de línguas, campo fértil de investigação que preocupa professores e pesquisadores tanto no que se refere à língua materna quanto às línguas estrangeiras.

Este número de nossa revista apresenta inicialmente um artigo do professor Juan José Mouriño Mosquera sobre psicologia e ensino de línguas.

O ensino da língua materna aparece aqui representado pelo artigo da professora Heda Maciel Caminha, o qual demonstra, através do estudo de textos publicitários, como a análise do discurso pode servir de instrumento para o desenvolvimento de uma pedagogia crítica na escola. A professora Lia Lourdes Marquardt sugere práticas para o estudo do vocabulário em sala de aula.

Os demais artigos dizem respeito ao ensino de línguas estrangeiras. O das professoras Heda Maciel Caminha e Leci Borges Barbisan propõe atividades que visam levar o aluno ao desenvolvimento de sua competência de recepção e de produção escritas, associado à aquisição gradual da competência oral, em francês como língua estrangeira. A professora Loar Chein Alonso traça rumos e define programa para o ensino da estilística da língua inglesa em nível universitário. O ensino da fonética do inglês é o tema do estudo apresentado pela professora Iria Weriang Garcia. A necessidade de uma metodologia para o ensino do português como língua estrangeira é o centro de interesse do artigo das professoras Marta Kirst e Marlene Gonçalves Mattes.

Esperamos que os estudos apresentados neste número de LETRAS DE HOJE tragam alguma contribuição a nossos colegas professores.

Leci Borges Barbisan

## SUMÁRIO

LECI BORGES BARBISAN — Apresentação .....	p. 05
JUAN JOSÉ MOURIÑO MOSQUERA — Desenvolvimento Humano e Ensino de Línguas Estrangeiras .....	p. 07
HEDA MACIEL CAMINHA — Análise do Discurso e Ensino . . . . .	p. 17
LIA LOURDES MARQUARDT — O Ensino do Vocabulário	p. 33
HEDA M. CAMINHA E LECI B. BARBISAN — Abordagem Comunicativa no Ensino de Línguas e Produção Escrita . . . . .	p. 41
LOAR CHEIN ALONSO — O que é Estilística? Como e para que se faz? .....	p. 55
IRIA WERLANG GARCIA — Método Cognitivo: a conscientização no ensino da pronúncia do inglês .....	p. 65
MARTA KIRST E MARLENE GONÇALVES MATTES — Português para estrangeiros: uma questão metodológica . . . . .	p. 77
REGINA RITTER LAMPRECHT — Phonological Assessment Child Speech — (resenha) .....	p. 84
MARTA KIRST — O que é português brasileiro? (resenha)	p. 87
Ir. ELVO CLEMENTE — Paisagens (resenha) .....	p. 89
Ir. ELVO CLEMENTE — Provincianas (resenha) .....	p. 90
IRIS KORBES — Trem da Serra (resenha) .....	p. 92

## **DESENVOLVIMENTO HUMANO E ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS**

**Juan José Mourinho Mosquera**  
PUCRS e UFRGS

O professor de língua estrangeira quer seja ou não um falante nativo da língua que ensina, tem papel preponderante a desempenhar: é um traço de união entre a língua e as formas culturais que ela recobre.  
GIRARD, Denis (1976)

### **INTRODUÇÃO:**

Nosso principal objetivo neste trabalho é aproximar dos temas altamente polêmicos e que, no nosso entender, não têm recebido o tratamento sério e refletido que merecem.

Sabemos que só recentemente as conquistas levadas a efeito pela psicologia têm sido incorporadas ao campo de estudo e prática de ensino de línguas e, deste modo, alguns questionamentos e hipóteses novas podem ser levantados.

Por outro lado, a situação cultural do nosso país nestes momentos nos faz refletir profundamente sobre o desconhecimento, realmente ignorância, sobre outras realidades, inclusive bem próximas de nós (América Latina, por exemplo) e a crescente infantilização do nosso adolescente e descapitalização cultural das nossas instituições de ensino.

Como profissional da Educação e da Psicologia Educacional, lecionando há longos anos língua estrangeira, nos temos apercebido o pouco que conhecemos sobre as fases da vida humana, suas características, interesses e vicissitudes e como poderiam servir de estímulo a um melhor ensinar para levar os nossos alunos a um melhor aprender.

Dada a singularidade de um docente de língua estrangeira, torna-se relevante analisar, crítica e pormenorizadamente quais os conhecimentos e práticas mais significativos, para poder desempenhar uma dimensão intercultural mais profunda e marcante.

Alertamos que as idéias propostas são apenas linhas de pensamento, que objetivam à meditação, tanto na teoria quanto na prática. Portanto, não se esperem novas metodologias e formas terminais de ensinar. A preocupação específica seria:

Conhecemos o nosso aluno, nas suas diversas fases da vida, para melhor poder facilitar a aprendizagem?

Nos conhecemos o suficiente para praticar a compreensão humana de aprender?

### O DESENVOLVIMENTO HUMANO: IMPLICAÇÕES PARA DOCENTES DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

Girard (1976, p. 15) nos diz:

Se Rabelais pode dizer que o riso era próprio do homem, parece que com mais razão podemos dizer que a faculdade da linguagem caracteriza o homem ainda mais nitidamente em relação a todas as espécies vivas. Todo o filho do homem, sob todos os climas, em todas as latitudes e em todos os ambientes, por mais desfavoráveis que sejam, se mostra capaz em alguns anos de falar a língua do meio que o cerca.

Estas colocações iniciais nos levam a entender a fantástica aventura da vida humana, caracterizada pelo desenvolvimento e abrangência da linguagem. Assim temos que a linguagem, que nos acompanha toda a existência, partilha de todas as áreas do desenvolvimento, isto é, áreas física, afetiva, social-cultural, cognitiva, bem como impregna nossa dinâmica pessoal, que se torna mais fecunda e com significado relevante através do processo da comunicação.

Cabe, nestes momentos, apresentar nossa concepção sobre Desenvolvimento Humano que já foi trabalhada em publicação anterior (MOSQUERA et STOBÄUS, 1984 a). O Desenvolvimento Humano é considerado como um fenômeno de toda a vida, principiando com a concepção e encerrando, aparentemente, com a morte. Este desenvolvimento abrange as grandes e as pequenas mudanças que se processam no ser, quer qualitativas, quer quantitativas. Por outro lado, a vida humana apresenta momentos de grande produtividade, no sentido de crescimento, bem como declínio nas diversas áreas que compõem o processo da existência.

Efetivamente, é importante entender que existem condicionamentos no processo de desenvolvimento e que correspondem à sociedade, à cultura, às classes sociais e às formas de vida.

Porém, é importante chamar a atenção que todas as pessoas têm possibilidades de aprendizagem das suas formas básicas de se desenvolver e entre estas se encontra a linguagem, que é o elo provavelmente mais significativo nas sociedades humanas.

Deste modo, a compreensão do desenvolvimento humano, como um processo dialético, tem importância fundamental desde o momento que entendemos as formas de ligação que tornam possível o mundo das idéias, explicitado em palavras ou na chamada «conversação».

Com o que colocamos, queremos dizer que a compreensão entre os indivíduos nasce dos potenciais que, em todas as culturas, se evidenciam e que são expressos pela natureza dinâmica da interação humana.

O autor russo Vygotsky (1984) assinala, de maneira muito significativa, as relações dos seres humanos com o seu ambiente físico e social, fazendo-nos entender que o desenvolvimento da inteligência está proporcionalmente acompanhado ao uso de ferramentas e às possibilidades específicas do refinamento da fala.

Por isto ele diz:

o momento de maior significado no curso do desenvolvimento intelectual, que dá origem às formas puramente humanas de inteligência prática e abstrata acontece quando a fala e a atividade prática, então duas linhas completamente independentes de desenvolvimento, convergem (Vygotsky, 1984, p. 27).

Convém observar que há uma relação muito significativa entre o processo de desenvolvimento da consciência com a dimensão de trabalho e socialização.

Estes pressupostos encontram sua razão de ser em que o desenvolvimento humano, como processo vital, em seus diferentes momentos, é extremamente enriquecedor e desafiador. Desta forma podemos notar que, intelectualmente, o ser humano vai ampliando o seu mundo conceptual e, evidentemente, as suas formas de expressão.

Riegel (1976), apoiado em Piaget, apresenta, em forma esquemática, cinco períodos de desenvolvimento cognitivo que parecem corresponder às formas de pensamento humano, cuja evidência estaria extremamente ligada ao processo expressivo. É necessário compreender que as colocações de Riegel não

se limitam simplesmente à cognição, mas à interação que ela estabelece com as outras áreas do desenvolvimento e, particularmente, com o ambiente e a cultura. Devemos recordar aqui que a cultura pode ser entendida como forma simbólica aceita pelos seres humanos e expressa em aspectos materiais.

Os períodos de desenvolvimento cognitivo que Riegel aponta estão sempre marcados pela dimensão dialética. Os dois primeiros têm uma correspondência bastante interessante com o mundo estimular e da ação. Correspondem à criança pequena, daí talvez a plasticidade que ela possa ter para aprender a linguagem, não só a língua materna mas também as línguas estrangeiras.

Um comentário se impõe nestes momentos: é sobre como se processa a aprendizagem de língua estrangeira em uma criança pequena: seria por imitação? Por condicionamento ambiental? Não há certeza na resposta, mas evidentemente estamos ante um dos fatos mais curiosos, já que os adultos parecem não ter a facilidade, que as crianças apresentam, para a aprendizagem da língua estrangeira.

Por outro lado, nos encontramos ante um fenômeno muito desafiador, através do qual talvez descobramos que os sistemas simbólicos que tentamos ensinar não tenham suficiente repercussão quando outros sistemas simbólicos são mais importantes e significativos.

A criança pequena possui uma enorme curiosidade, uma grande flexibilidade cognitiva. Seu mundo emocional é rico e amplo e através dele geralmente interpreta a estimulação ambiental. É bom esclarecer que quando nos referimos à criança pequena, compreendemos aqui o bebê e a pré-escolar.

Sabidamente o fenômeno de aquisição da linguagem é complexo e desafiador. Até agora as teorizações não têm sido suficientemente abrangentes para explicar como é realizado. Sendo isto real, mais impressionante ainda é a aquisição de um segundo sistema lingüístico. Uma interessante pergunta (insistindo no tema) seria saber como a criança pequena adquire este segundo sistema com tão aparente facilidade.

O terceiro período de desenvolvimento cognitivo, apontado por Riegel, corresponde às operações dialéticas concretas, o que situa a criança na chamada época escolar. Este parece ser um período da vida marcado pelo aparecimento da responsabilidade e da formalização da linguagem como fenômeno pedagógico e social. Se pensa que as convenções da cultura devam

ser agora intencionalmente aprendidas, por isto uma forma de «dizer» passa a considerar-se como a mais adequada e verdadeira.

Neste sentido os adultos teimam em ensinar às crianças a sua linguagem, sem se aperceberem que nem sempre a forma com que falam corresponde à expressão e ao conhecimento que o mundo infantil apresenta.

Se isto é real para as classes alta e média, é evidente que não parece corresponder às classes desfavorecidas. Cria-se, portanto, um conflito de interpretação, o que impede o melhor acesso ao conhecimento simbólico.

O fenômeno da aprendizagem da língua materna na escola é bastante curioso e notamos que nem sempre pais, professores e outros adultos estão o suficientemente preparados para entender a dinâmica do conhecimento real infantil, processado pelo seu tipo de inteligência, seu desenvolvimento neurológico, seu mundo emocional e suas características de socialização, levando em conta ainda as dimensões mais amplas da cultura como desafio e provocação de linguagens alternativas.

Na nossa realidade, até o presente momento, pouco ou quase nada se tem feito para propiciar à criança do 1º grau o conhecimento de uma língua estrangeira na instituição escolar, o que cria muitos problemas, já que temos crianças que são bilingües ou que vivem em comunidades que falam outra língua que não o português. Deste modo, ou por falta de recursos ou por descaso, à criança é imposta uma língua e ela acaba perdendo o domínio de outra.

Nosso comentário, agora, seria para a defesa da aprendizagem de línguas estrangeiras também no 1º grau e, especialmente, o respeito pelo bilingüismo como forma válida de maior amplitude cultural.

O quarto momento de desenvolvimento cognitivo, segundo Riegel, corresponde às operações dialéticas formais, que se dão no adolescente. Esta etapa da vida é de extrema curiosidade e contração. Existe no adolescente a necessidade de conhecer melhor o mundo e ampliá-lo, bem como sua capacidade afetiva e seu nível de socialização estão extremamente aguçados, o que faz com que esteja receptivo a tudo aquilo que o estimule e provoque. É interessante observar que, muitas vezes, na escola, os professores, tanto de língua materna quanto de língua estrangeira, pouco ou quase nada conseguem com o seu ensino, não obstante o adolescente aprende com uma facilidade

extraordinária a falar e criar gíria, bem como a memorizar e saber pronunciar de forma perfeita as músicas ou frases que lhe interessam e lhe chamam a atenção.

Aqui temos, pois, algo que nos deveria preocupar, tentando modificar nossas propostas de ensino de línguas ante a realidade do mundo adolescente.

Por último, o estágio cognitivo correspondente à vida adulta é denominado por Riegel de operações dialéticas. Teríamos aqui um pensamento muito mais complexo e especialmente profundo e as pessoas, através das etapas de adulez jovem, adulez média e velhice, estariam processando maneiras diversas de ver o mundo e expressar-se de acordo com esta nova visão.

Naturalmente que a vida adulta humana propõe problemáticas bastante significativas em que cada uma delas têm um sentido, correspondendo também momentos de conflito e crise. Nos adultos a linguagem é fundamental porque é através dela que elaboram os seus discursos e desenvolvem seus universos simbólicos e culturais.

É básico compreender que, na complexa sociedade atual, para os adultos, o conhecimento de línguas estrangeiras ajuda a ampliar, além da capacidade lingüística, as dimensões cognitivas, afetivas, sociais, econômicas e políticas.

A sociedade humana se estrutura na **conversação**, podemos afirmar que o desenvolvimento da personalidade pode também ser entendido como aspectos desta **conversação**, pois nela está contida toda a expressão intencional que nos torna diferentes de tudo o que até o momento conhecemos.

## A APRENDIZAGEM E O ENSINO DE LINGUAS ESTRANGEIRAS

Acabamos de ver como é complexo e interessante o processo do Desenvolvimento Humano, vamos agora discutir o que significa aprender e ensinar uma língua estrangeira.

Slama-Cazacu (1979, p. 87) nos introduz no tema, de forma brilhante, quando diz:

A análise psicolingüística do processo de aprendizagem da primeira língua é útil, também, na medida em que responde à questão de elucidar se o ensino de línguas estrangeiras deve começar cedo e, particularmente, em que idade.

Para alguns autores — continua Slama-Cazacu — as línguas estrangeiras devem ser ensinadas o mais cedo possível e, em todo o caso, desde os primeiros anos da escola, a fim de aproveitar o período fértil de aquisição.

Estas idéias revelam a preocupação com o sujeito do ensino e parece corresponder aquilo que Girard (1976) nos diz que foram os psicólogos e os psicolingüistas que insistiram em que se tome mais em consideração o aluno.

Cabe então lembrar que a aprendizagem de uma língua estrangeira não é um processo natural, mesmo que a pessoa esteja imersa na cultura (imigrantes, por exemplo). Isto nos revela que quando já se possui uma língua-mãe, já se tem um sistema lingüístico que se adquiriu ao mesmo tempo em que se fazia a descoberta do mundo, em ligação com o desenvolvimento cognitivo nas suas várias dimensões.

Por isto, devemos recordar, segundo diz Girard (1976), que aprender uma língua estrangeira é aprender a dominar as leis fonológicas e morfosintáticas que regem um segundo sistema lingüístico, de modo a poder comunicar-se por meio deste segundo sistema.

É importante lembrar que há uma gama de fatores que nos levam a entender as variáveis com que nos defrontamos no momento em que ensinamos uma língua estrangeira. Entre eles temos: fases da vida expressas pela idade funcional, valores sócio-culturais, dinâmica pedagógica e características de personalidade.

JAKOBOVITS (apud Girard, 1976) organizou uma lista de fatores que estão ligados à natureza do aluno. São os seguintes: aptidão para compreender (Inteligência geral e capacidade verbal); aptidão para línguas estrangeiras; perseverança; atitudes ante o estudo, o professor e si mesmo; estratégias de aprendizagem incidindo sobre o desempenho do aluno.

Através do que foi apontado podemos afirmar que: **Ensinar uma língua estrangeira é dedicar-se a facilitar aos alunos o processo de aprendizagem do sistema lingüístico da segunda língua, de modo que esta língua estrangeira possa realizar, para aquele que a pratica, todas as funções da primeira língua.**

É evidente que os professores deverão ter em mente que os alunos possuem suas características de idade, nível intelectual, meio sócio-cultural, aptidão para as línguas e principalmente motivação.



Outro aspecto a ser levado em conta é que um método excelente para **adultos** não será, necessariamente, válido para **crianças**. As preocupações dos **adolescentes** também não são as das crianças. Mas qualquer que seja a idade e qualquer que seja o tipo de alunos, pode-se estar certo de que a língua estrangeira só terá interesse **se for apresentada e sentida como o reflexo de uma cultura, de um modo de vida.**

Girard (1976) nos acrescenta que a abertura ao outro, ao estrangeiro, é a condição primeira de uma abertura à língua estrangeira. Durante muito tempo se julgou que esta abertura, esta necessidade de ter acesso à cultura estrangeira da qual a língua é um dos veículos para nos por em contato com as dimensões criadoras da cultura e do entendimento humanos.

Assim entendemos que o ato de aprender uma língua estrangeira (e mais ainda a ensiná-la) pressupõe o envolvimento personalógico através de duas personalidades e culturas que se encontram.

O conhecimento dos diversos aspectos da personalidade humana nos leva a afirmar que a dinâmica psicológica é de importância capital, atendendo às diferenças individuais e necessidades do aluno.

Girard (1976) citando Flanders, nos diz **o como e o que** um professor de línguas estrangeiras deveria fazer e, especialmente, ter como qualidades básicas.

- A eficácia de um professor de línguas é tanto maior quanto menos ele fala e quanto mais falarem os alunos;
- O professor é mais eficaz quando concede mais atenção ao comportamento e às idéias expressas pelos alunos;
- é mais eficaz quando solicita a participação ativa dos alunos, por meio de exercícios e perguntas apropriadas, em vez de se limitar a expor;
- a eficácia do Professor que age sobre os **erros** dos alunos para os fazer chegar à forma correta é maior que a do professor que se limita a recusar as respostas incorretas;
- é mais eficaz encorajar os alunos a intervir espontaneamente em língua estrangeira que em língua materna;
- o encorajamento à expressão espontânea em língua estrangeira é mais eficaz que a solicitação de respostas condicionadas;
- o professor é tanto mais eficaz quanto menos recorrer à língua materna dos alunos.

Estas condições expressam a dinâmica do conhecer eminentemente humano e não simplesmente as fórmulas de ensino tão apregoadas durante tanto tempo.

Roulet (1979) enfatiza a necessidade, por parte do professor, de conhecimentos que levem em conta o como se processa a linguagem e, desde logo, como ela se processa no sujeito da Educação, o homem em desenvolvimento.

## CONCLUSÕES:

- O **desenvolvimento humano** oferece elementos para estudar o desenvolvimento lingüístico, cognitivo, afetivo e social, bases de qualquer **ensino**.
- A aquisição da língua materna difere da língua estrangeira porque esta última não é um processo natural e implica na aquisição de um novo sistema lingüístico.
- As diferenças de aprendizagem são devidas às **diferenças inerentes à natureza do ser humano**, resulta difícil estabelecer regras fixas, metodologias e/ou instrumentais didáticos **únicos** para todos os indivíduos, por isto cabe analisar idade, cultura, sociedade, condições pessoais e motivação antes de qualquer tarefa considerada como definitiva.
- O professor de línguas estrangeiras deverá entender que sua **sensibilidade** para ensinar é básica para levar a melhores níveis de desempenho das crianças, adolescentes e adultos.

**Ensinar uma língua estrangeira é desenvolver amor pela Cultura Humana, aceitando o pluralismo, a abertura de idéias e as novas concepções.**

Só assim teremos, parece-nos, um mundo mais humano e compreensivo. Talvez a reconstrução da **Torre de Babel** seja um bom princípio.

## BIBLIOGRAFIA

1. GIRARD, Denis. **As línguas vivas. Ensino e pedagogia.** Coimbra, Almeida, 1976.
2. MOSQUERA, Juan José M. **Psicodinâmica do aprender.** 3 ed. Porto Alegre, Sulina, 1984.

3. MOSQUERA, Juan José M. et STOBBAUS, Claus D. **Educação para a Saúde**. 2. ed. Porto Alegre, D. C. Luzzatto Editores, 1984a.
4. MOSQUERA, Juan José M. et STOBBAUS, Claus D. **Psicologia do esporte**. Porto Alegre, Editora da Universidade - UFRGS, 1984b.
5. PASSEL, Frans van. **Ensino de línguas para adultos**. São Paulo, Pioneira/EDUSP, 1983.
6. RAYNER, Eric. **O desenvolvimento do ser humano**. Lisboa, Edições 70, 1982.
7. RIEGEL, Klaus. **Dialectical Operations of Cognitive Development**. RYCHLAK, J. F. **Dialectic: Humanistic Rationale for Behavior and Development**. Karger, Basel, 1976.
8. ROULET, Eddy. **Teorias lingüísticas, gramática e ensino de línguas**. São Paulo, Pioneira, 1979.
9. SLAMA-CAZACU, Tatiana. **Psicolingüística aplicada ao ensino de línguas**. São Paulo, Pioneira, 1979.
10. VYGOTSKY, Lev. **A formação social da mente**. São Paulo, Martins Fontes, 1984.